

## O poder da palavra falada



---

*Autor: Sérgio Peixoto Mendes*

Ela conversava praticamente a aula inteira e hoje é doutora. No ensino básico nem tanto, mas no ensino médio, era um horror. Participante ativa da turma dos “matracas” fazia mágica ao responder corretamente as “perguntas-armadilha” da professora. Diriam os mais antigos: é assim mesmo tem gente que consegue ficar com um olho no padre e outro na missa. Isso significa: entender o sermão sem perder os detalhes da roupa da siclana, do sapato do fulano. Afinal como arranjar assunto para o resto da semana sem observar as pessoas? Nesse sentido, a missa é um prato cheio para alguns. Ela não, sua preferência era a sala de aula, o colégio, os amigos da escola. Certo dia foi posta com mais dois colegas para fora da sala e terminou a manhã no maior papo no gabinete do diretor. Nem ele resistia, esse grupo não poupava nem o diretor. Com uma conversa envolvente e assuntos intermináveis o grupo passou de ano, entretanto, jamais abandonaram o hábito de conversar e por isso nunca estiveram fora da lista negra da professora.

A conversa é um hábito saudável e o maior atrativo de um bar. É também o meio mais eficiente de transmitir conhecimento e informação. Uma boa conversa garante uma duradoura relação e pode salvar uma vida. A palavra cria mundos e alimenta as esperanças. As organizações já perceberam o potencial da conversa como forma de socialização do conhecimento e hoje investem na infra-estrutura adequada para estimular essa característica exclusiva do ser humano. Não quero defender o uso do tabaco mas é no “fumodromo” que as informações circulam com maior velocidade. As notícias de última hora sempre são pautas de discussão também nas salas do cafezinho, nas filas da impressora corporativa, no restaurante das empresas, nos corredores. As paredes dos corredores estão sempre bem informadas e sabem coisas que até deus duvida.

A conversa caracteriza um povo, uma região e mantém em bom estado de conservação os costumes e a tradição. Ah, uma boa roda de chimarrão mata a cede duplamente. Como disse no início desta crônica, hoje ela é doutora e especializou sua conversa. Experimente!

Sérgio Peixoto Mendes  
Filósofo - Porto Alegre – RS